



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

REPRESENTAÇÕES ANAFÓRICAS NA POSIÇÃO DE OBJETO DIRETO NA LÍNGUA FALADA EM FEIRA DE SANTANA-BA



ANAPHORIC REPRESENTATIONS IN THE POSITION OF DIRECT OBJECT IN THE LANGUAGE SPOKEN IN FEIRA DE SANTANA-BA

JAN CARLOS SANTANA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 21/07/2020 • APROVADO EM 27/09/2020

Abstract

In this text, a sociolinguistic study is developed on the use of the direct anaphoric object, and a description and an analysis are made using a linguistic *corpus* consisting of spoken language samples from the rural and urban area of Feira de Santana-BA. For this, the theoretical methodological foundations of the Variationist Sociolinguistics were adopted, based on the proposal that variation in language is motivated by linguistic and social factors (LABOV, 1972). We observed that there are co-strategies in its realization (clitic, lexical pronoun, anaphoric SP, and null object), thus allowing to find evidence of a variable use and to observe which factors condition such uses.

Resumo

Neste texto, é desenvolvido um estudo sociolinguístico sobre o uso do objeto direto anafórico, sendo feita uma descrição e uma análise utilizando um *corpus* linguístico constituído de amostras de língua falada da zona rural e urbana de Feira de Santana-BA. Para tal, foram adotados os fundamentos teórico-metodológicos da

Sociolinguística Variacionista, com base na proposta de que a variação na língua é motivada por fatores linguísticos e sociais (LABOV, 1972). Observamos que coexistem estratégias na realização do objeto direto anafórico (clítico, pronome lexical, SN anafórico e objeto nulo), permitindo, assim, encontrar evidências de um uso variável e observar quais os fatores que o condicionam.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Direct anaphoric object. Clitic. Null object. Variation. Brazilian portuguese.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto direto anafórico. Clítico. Objeto nulo. Variação. Português brasileiro.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a realização do objeto direto anafórico (ODA), ampliando-se a discussão a respeito do tema no português brasileiro (PB) com dados que provêm da fala de moradores do município de Feira de Santana-BA, cujas entrevistas integram o acervo do projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano, sediado no Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Apresentam-se os resultados de uma pesquisa feita com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), buscando verificar a sistematicidade da variação condicionada por grupos de fatores de ordem estrutural e social que podem condicionar o uso das estratégias de retomada anafórica a partir das escolhas dos falantes feirenses das zonas rural e urbana, como pode ser exemplificado nos seguintes exemplos:¹

Clítico

(1) Eu conheci *Eurico* [Boaventura] nos anos setenta. É claro que ele já estava muito doente. [...] Eu **o** conheci antes de:... (Informante da faixa 3, do sexo masculino, zona urbana, ensino superior completo)

Pronome lexical

(2) Pega a *cebola roxa*, cozinha **ela**, bebe [o chá], num sabe pra que lado vai o má de sentir dor de barriga. Tudo é remédio pra dor de barriga. (sic) (Informante da faixa 3, do sexo feminino, zona rural, analfabeta)

*O autor dedica este texto à Profa. Dra. Eliana Pitombo Teixeira, pela amizade e pela importância em sua vida acadêmica.

¹ Todos os exemplos expostos ao longo do trabalho foram extraídos do *corpus* da pesquisa e buscou-se deixar uma transcrição mais próxima da fala do entrevistado.

SN anafórico²

(3) Pega *o texto*, faz uma interpretação. O cara que escreveu *o texto*, ele faz um...uma análise dele [...]. (sic) (Informante da faixa 1, do sexo masculino, zona urbana, ensino médio completo)

Objeto nulo

(4) *Uma cobra* que tava no... embaixo dum pé de árvre e eu não Ø vi e quase ela me pega. Mas depois eu Ø vi, eu chamei o povo e o povo Ø matou, o rapaz Ø matou. (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona urbana, ensino fundamental incompleto)

A partir desta introdução, o artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 1, apresentam-se os aspectos teórico-metodológicos. Em seguida, na seção 2, mostram-se algumas características da comunidade feirense e seu perfil sociolinguístico por meio de uma discussão sobre os resultados alcançados, fazendo-se uma descrição da frequência de ocorrências de cada estratégia anafórica e os contextos mais favoráveis; e, depois, realiza-se uma análise apurando a relação entre usos linguísticos e a interação do feirense em suas relações e práticas sociais. Por fim, são apresentadas as conclusões.

1 QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este trabalho apoia-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, cujo objeto de estudo é a variação presente em contextos reais de comunicação. Esse modelo teórico-metodológico postula que língua e sociedade mantêm uma inter-relação, resultando daí a variabilidade linguística. Para Labov (2008 [1972]), a língua está condicionada a fatores internos, que remetem a sua própria estrutura, e, por ser vista como um fato social, também está condicionada a fatores sociais, observando-se, assim, um uso variável de fenômenos linguísticos.

Labov (2008 [1972]) adota o pressuposto de que nem toda variação na estrutura da língua desencadeia uma mudança, mas que toda mudança pressupõe variação, cabe, portanto, ao pesquisador identificar/interpretar os dados linguísticos, observando quais são os fatores de ordem estrutural e/ou de ordem social envolvidos nesse processo, para ter uma visão mais clara sobre a língua e sobre o fenômeno em estudo. A pesquisa sociolinguística implica a observação do comportamento linguístico de sujeitos pertencentes a uma determinada comunidade de fala para que se investigue a variável linguística em foco.

Esse modelo teórico implica uma metodologia específica a ser empregada, com a finalidade de sistematizar um fenômeno linguístico, e o próprio pesquisador Labov deu o suporte necessário, desenvolvendo-a e aprimorando-a por meio de suas

² Na literatura linguística, empregam-se termos diversos para essa mesma variante, a saber: DP pleno, DP anafórico, SN pleno, SN repetido etc. Neste trabalho, adotou-se o termo SN anafórico.

pesquisas. O principal foco é o *vernáculo*, que, no sentido laboviano, é a língua falada em situações naturais de interação social, ou seja, quando a mínima atenção é prestada ao uso da língua pelo falante. Ele deixa isso bem claro quando diz que pretende investigar a língua falada tal como ela é utilizada pelos membros de uma sociedade na vida cotidiana, “veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos” (LABOV, 2008 [1972], p.13).

Também adotando os princípios metodológicos da Sociolinguística Variacionista, foram selecionados 48 entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Documentador e Informante) do banco de dados do projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano, as quais fazem parte da amostra da Fase 3 - O português falado em Feira de Santana-BA³. Para este trabalho, foram consideradas apenas as entrevistas de feirenses filhos de feirenses⁴ dividindo-se da seguinte maneira: AMOSTRA I (zona rural) com 12 participantes analfabetos ou com baixa escolaridade, exercendo a profissão de pedreiro, vaqueiro, serigrafista e boa parte é lavrador(a). AMOSTRA II (zona urbana) com 36 entrevistas, sendo estes estratificados em três subamostras: 12 participantes analfabetos ou com baixa escolaridade, 12 participantes com ensino médio completo e 12 participantes com ensino superior completo. Esse grupo já apresenta profissionais de áreas mais diversificadas, como vigilante, pintor de parede, diarista, empregada doméstica, pedreiro, merendeira, mecânico, auxiliar de escritório, agente penitenciário, técnica de enfermagem, professora primária, gerente de banco, contador, engenheiro civil, economista, historiador, químico, enfermeira, arquiteto, administradora, pedagoga, professora universitária, jornalista.

Os falantes feirenses estão distribuídos em três faixas etárias: faixa 1, de 20 a 35 anos; faixa 2, de 40 a 55 anos; faixa 3, a partir de 60 anos. Em cada faixa etária, para melhor estratificar, há falantes de ambos os sexos, totalizando 24 homens e 24 mulheres. Faz-se necessário ressaltar também que, para a realização deste trabalho, não agrupamos os participantes em três níveis de escolaridade (fundamental, médio e universitário) e sim por um contínuo dos anos de escolarização (0 ano, 1 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos, 12 anos em diante). Em suma, é importante salientar que dentre as variáveis socioculturais controladas (escolaridade, faixa etária e sexo do informante), considerou-se ainda a variável indivíduo, na tentativa de poder

³ O banco de dados dessa fase do projeto é constituído por 72 entrevistas divididas em amostras representativas, sendo dois participantes em cada uma das células (sempre considerando o sexo e a idade). Está assim organizado: PORTUGUÊS RURAL - 12 informantes com baixa escolaridade ou analfabetos feirenses filhos de feirenses; PORTUGUÊS URBANO - 12 informantes feirenses filhos de feirenses; 12 informantes feirenses filhos de migrantes e 12 informantes migrantes (esses trinta e seis são analfabetos ou com baixa escolaridade); 12 informantes com ensino médio completo feirenses filhos de feirenses; 12 informantes com ensino superior completo feirenses filhos de feirenses. (cf. ALMEIDA et al., 2016)

⁴ Baseando-se em estudos historiográficos e demográficos, constatou-se que a sócio-história do município de Feira de Santana é marcada por contatos dialetais por causa de um forte fluxo migratório a partir da década de 1950. Grande parte desses migrantes tinha baixa ou nula escolaridade, então a Fase 3 do referido projeto também possui subamostras com migrantes e feirenses filhos de migrantes na tentativa de melhor caracterizar o português popular feirense. Em fases futuras, poderão ser constituídas amostras com migrantes e descendentes de outros níveis de escolaridade com o intuito de melhor apreender características sobre a realidade sociolinguística feirense.

relacionar a escolha das estratégias de retomada anafórica às experiências vivenciadas pelos falantes feirenses que compõem as amostras, atentando também para aspectos qualitativos além dos quantitativos na análise dessa variável.

Considerou-se, para este trabalho, apenas a variável linguística traço semântico do antecedente porque diversos trabalhos (DUARTE, 1989; FAGUNDES, 1997; FIGUEIREDO SILVA, 2004; ALVES BRITO, 2010, entre outros) mostram ser a animacidade um dos fatores linguísticos mais significativos na escolha das estratégias de retomada anafórica, apontando que o traço [+ animado] está relacionado ao uso dos clíticos e do pronome lexical (*ele/ela*), como em (05) e (06), tendo em vista que ocorre o apagamento do objeto ou a variante SN quando há antecedentes com traço [- animado], assim como em (07) e (08):

(05) [...] se você tirar sangue *dum anêmico*, é matá-**lo**. (sic) (Informante da faixa 2, do sexo masculino, zona urbana, ensino superior completo)

(06) Doc: Por que não casou?

Inf: Tive até *uma namorada* que era pra casar mermo, mas depois não deu certo.

Doc: Por que não deu certo?

Inf: Eu achei que não dava e mandei *ela* se sair. Daí pra cá, eu namorei mais alguém, mas não dava certo também. (sic) (Informante da faixa 2, do sexo masculino, zona rural, ensino fundamental incompleto)

(07) [...] Aí quando chegou no Dom Pedro [hospital local], o médico me deu *um comprimido*, botou \emptyset embaixo da língua e mandou ir imediatamente pro Clériston [hospital local de grande porte], que lá não tinha aparelho. (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona rural, ensino fundamental incompleto)

(08) [...] eu ia procurar *os empregos* e tudo mais, mas ia procurar **os empregos** e a pessoa: “Não, por causa da idade. Aqui só pega tal idade.” Tinha pessoas que olhavam pra mim e dizia: “Não, nós não aceitamos pessoas negras.” Olhava e dizia dessa maneira. (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona urbana, ensino médio completo)

Os 1429 dados de ODA levantados no *corpus* foram devidamente codificados e processados pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH; 2005). Ressalta-se que o objetivo deste trabalho é mostrar a configuração das quatro estratégias anafóricas no falar feirense, por isso não foi eleita uma variante como regra de aplicação para realizar as rodadas binárias no programa estatístico⁵.

⁵ Já foram realizadas pesquisas cotejando especificamente o uso do objeto nulo em Feira de Santana com dados do português rural do distrito de Matinha (SANTANA, 2010) e com o português urbano popular e culto (SANTANA, 2014; 2016). Na oportunidade, agradece-se à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro para a realização das pesquisas.

Em suma, esses são os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. Na próxima seção, algumas características da comunidade feirense são apresentadas e faz-se uma descrição e uma análise dos resultados obtidos.

2 O PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO DA COMUNIDADE ESTUDADA, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO USO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO

2.1 FEIRA DE SANTANA, A “PRINCESA DO SERTÃO”

Feira de Santana está situada no interior do Estado da Bahia e possui uma população de 556.642 habitantes, segundo os dados do Censo do IBGE (2010) e, de acordo com o Anuário Estatístico (2012), esse contingente populacional está dividido da seguinte forma: 510.637 (zona urbana) e 46.005 (zona rural). O município abrange 45 bairros (na sede)⁶ e 8 distritos, sendo estes: Bonfim de Feira, Governador João Durval Carneiro, Humildes, Jaguará, Jaíba, Maria Quitéria, Tiquaruçu e Matinha.

A cidade é também sede da Região Metropolitana de Feira de Santana (RMFS) que agrega seis municípios: Amélia Rodrigues, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Tanquinho, São Gonçalo e Feira de Santana, atingindo, assim, uma população total de 672.701 habitantes. Ainda haverá a segunda fase de incorporação de cidades da RMFS, sendo incluídas Anguera, Antônio Cardoso, Candeal, Coração de Maria, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Serra Preta e Riachão do Jacuípe. Após isso, estima-se que a população da região metropolitana feirense seja de 848.647 habitantes.

A distância entre a sede do município e Salvador, a capital baiana, é de 108 km. Encontra-se no entroncamento com as principais rodovias BR 101, BR 116 e BR 324, possuindo, assim, uma posição estratégica porque funciona como um ponto de ligação para os tráfegos em direção a outras cidades nordestinas e de outras regiões do país. Trata-se de um grande polo comercial, possuindo um centro industrial com empresas de pequeno, médio e grande porte.

Apesar de conhecida como “Princesa do Sertão”, Feira de Santana situa-se no chamado Polígono das Secas, numa zona de transição entre o Recôncavo Baiano e o Semiárido. As entrevistas da zona rural foram gravadas no distrito de Matinha, que está localizado há 14 km da sede do município. Esse distrito agrupa os povoados Olhos D'Água das Moças, Candeal, Santa Quitéria, Moita da Onça, Vila Menilha (Salgada), Baixão, Tupi, Alto do Tanque, Tanquinho, Alto do Canudo, Alecrim Miúdo, Jacu, Capoeira do Rosário, Candeia Grossa, Jenipapo e Matinha (a sede).

A sua origem, segundo a tradição oral e como defendem alguns historiadores, está relacionada aos negros escravizados que fugiam da região do Recôncavo e se escondiam dentro da densa mata da caatinga, ou seja, uma origem quilombola.

⁶ Na distribuição espacial, há bairros que são remanescentes de invasões, alguns planejados e outros estão nas chamadas áreas nobres ou tradicionais. Também existem algumas áreas que são ocupadas tanto por famílias de alto poder aquisitivo quanto por população de baixa renda, havendo, assim, uma grande heterogeneidade.

Inclusive, o nome Matinha faz referência a “Matinha dos Pretos”, a mata onde se refugiavam. Outros estudiosos relacionam a sua origem ao modelo tradicional de formação de muitos povoados, até mesmo como originou a cidade de Feira de Santana, a partir da fragmentação de fazendas em lotes de terras, constituindo-se um agrupamento de pequenas propriedades rurais em torno de uma igreja, como símbolo de devoção e cultos locais.

Matinha não é um distrito isolado. Grande parte dos moradores vive em um “ir e vir” constante para vender suas produções agrícolas e comprar os variados produtos que o centro feirense pode oferecer. Ainda há aqueles que se deslocam diariamente para estudar e trabalhar, desempenhando variadas funções. Também é pertinente ressaltar que existe um fluxo regular de feirenses que se deslocam da cidade para o distrito, principalmente professores, profissionais de saúde, técnicos de prestação de serviços etc, propiciando um contexto *rurbano*.⁷ Foram apresentados, assim, em linhas gerais, alguns dados sobre a cidade e o distrito da zona rural selecionado, configurando a comunidade de fala estudada. Pode-se expandir essa leitura com diversos autores, citando-se apenas alguns: Poppino (1968), Galvão (1982), Andrade (1990); Lima (1994), Freitas (1998), Moraes (2004), Boaventura (2006), Oliveira (2000; 2010) e Sento Sé (2009). A interpretação dos resultados encontra-se a seguir.

2.2 O “SOTAQUE SINTÁTICO” DO FALAR FEIRENSE

A partir dos resultados expostos na Tabela 1, é possível verificar a distribuição das variantes encontradas no *corpus* analisado, somando-se as amostras das zonas rural e urbana:

Tabela 1 - Distribuição geral das variantes de ODA no *corpus*

VARIANTES	Clítico	Pronome lexical	SN anafórico	Objeto nulo	TOTAL
Ocorrências	19	189	278	943	1429
%	1%	13%	20%	66%	100%

Constatou-se que o clítico (C) de terceira pessoa está sendo pouco habitual no falar feirense, marcando apenas 1% do total no *corpus* estabelecido para o estudo, dando espaço para o uso das outras variantes, corroborando com os resultados de pesquisas já realizadas (cf. DUARTE, 1989; FAGUNDES, 1997; FIGUEIREDO SILVA, 2004; FREIRE, 2005; DA HORA, BALTOR, 2007; LUZ, 2009; ALVES BRITO, 2010, entre outros). Destaca-se o objeto nulo (ON), com 66% das realizações, seguido das variantes SN anafórico (SN) e pronome lexical (PL), com 20% e 13%, respectivamente.

Conforme exposto na Tabela 2, mais adiante, nos dados da zona rural, o PL foi a segunda variante mais usada, refletindo, de certa forma, o padrão de

⁷ Valendo-se de uma terminologia da Antropologia Social, Bortoni-Ricardo (2005) utiliza o conceito de “rurbano” definindo populações rurais que possuem integração com a cultura urbana e populações urbanas com preservação de seus antecedentes rurais na cultura e na língua.

comportamento linguístico de muitas comunidades rurais que utilizam essa estratégia com maior frequência. Fazendo uma comparação entre os dados do distrito de Matinha e das subamostras da zona urbana de Feira de Santana, percebe-se que as pessoas com baixa ou nula escolaridade também usaram o PL com maior frequência em relação às outras subamostras, aproximando-se do português popular rural. Isso nos faz inferir que essa variante pode ser uma estratégia de retonada mais usual por pessoas com baixa ou nula escolaridade na comunidade estudada, sendo o seu uso menos frequente por falantes que possuem um nível de escolarização mais alto, evitando um possível julgamento linguístico já que o PL é uma variante estigmatizada.⁸

Ocorre o oposto com a variante C, sendo possível notar um aumento na frequência de uso entre as subamostras urbanas, principalmente por aqueles falantes que possuem mais anos de escolaridade. A pouca produtividade de clíticos no *corpus* reflete o seu atual estágio de desaparecimento no PB e o uso também está mais associado a contextos de maior monitoração linguística. Observou-se um uso mais frequente da variante SN na zona urbana, verificou-se também que o apagamento do objeto foi a estratégia predominante na variedade do português falado por feirenses considerada para este estudo. O ON teve a maior frequência nas duas amostras analisadas:

Tabela 2 - Distribuição das variantes de ODA nas amostras

⁸ Estes trechos resumem, de certa forma, como a maioria dos gramáticos tradicionais e autores de manuais escolares contribuem para uma construção ou perpetuação de estigmas em relação a certas formas de falar, quando não as ignoram: “[...] no Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se na conversação o comecinho erro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso sujeito), ouvindo-se a cada passo solecismos como estes: ‘Só vejo *ele* de tarde’ – ‘Olhe *ele* ali’ [...] São, portanto, erradas as construções: ‘Fiz *ele* entrar – ‘Vi *elas* sair’ – Deixei *ele* passear’, em vez de: ‘Fi-*lo* entrar’ – ‘Vi-*as* sair’ – ‘Deixei-o passear’”(cf. ALMEIDA, 1961, p. 155-160, grifos do autor). Também é dito que “na fala vulgar e familiar do Brasil é muito freqüente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo: Vi *ele*; Encontrei *ela*. Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, [...] deve ser hoje evitada” (cf. CUNHA, 1970, p. 209, grifos do autor).

ZONA RURAL (Amostra I)				
Informantes com baixa ou nula escolaridade				
Variantes	C	PL	SN	ON
Ocorrências	1/479	93/479	49/479	336/479
%	0%	20%	10%	70%
ZONA URBANA (Amostra II)				
Informantes com baixa ou nula escolaridade				
Variantes	C	PL	SN	ON
Ocorrências	2/325	43/325	72/325	208/325
%	1%	13%	22%	64%
Informantes com ensino médio completo				
Variantes	C	PL	SN	ON
Ocorrências	6/369	29/369	84/369	250/369
%	2%	8%	23%	67%
Informantes com ensino superior completo				
Variantes	C	PL	SN	ON
Ocorrências	10/256	24/256	73/256	147/256
%	4%	9%	29%	58%

Dando seguimento à análise, ressalta-se que a distribuição dos dados é feita apenas com os resultados percentuais das estratégias de retomada anafórica porque, como já mencionado anteriormente, objetiva-se analisar a configuração das quatro variantes no falar feirense, sendo que não foram realizadas rodadas binárias no suporte estatístico.

O traço semântico de animacidade do antecedente é um dos condicionadores mais relevantes no uso das estratégias de retomada anafórica, por isso essa variável foi testada e os resultados corroboram os trabalhos consultados em relação ao tema. Nesse caso, o traço [+ animado] pode favorecer o uso do PL e do C, como nos exemplos de (09) a (11), e o traço [- animado], como em (12), é o que mais favorece o apagamento do objeto:

(09) Crio *um cachorro*, o Suat. Suat é um cachorro fila muito bom. [...] a gente já tem amizade porque eu crio *ele* desde novo [...] (Informante da faixa 2, do sexo masculino, zona urbana, ensino médio completo)

(10) Essa semana mesmo, eu tava aqui [...] e *uma menina* ia atravessando ali com o telefone. O cara atracou *ela*, ela deu um grito tamanho que o cara largou [...]. (Informante da faixa 3, do sexo masculino, zona urbana, ensino médio completo)

(11) Eu tive um problema com o *motorista de ônibus* do aeroporto para a estação [...] ele queria que eu entregasse o bilhete e eu dizia pra ele em francês que o bilhete estava na mão do meu marido [...] e ele praticamente me derrubou do ônibus, aí eu comecei a xingá-lo em português. (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona urbana, ensino superior completo)

(12) Eu fiz *uma carta* e Ø entreguei. Eu mermo não Ø entreguei na mão dele, mas eu Ø dei uma pessoa que Ø entregou na mão dele. (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona rural, ensino fundamental incompleto)

A distribuição das ocorrências encontradas nas duas amostras pode ser vista na Tabela 3, a seguir:

Tabela 3. Distribuição das ocorrências segundo o traço semântico do antecedente

Traço semântico do antecedente	Zona rural				Zona urbana			
	C	PL	SN	ON	C	PL	SN	ON
[+ animado]	1 0%	62 42%	8 5%	74 53%	15 5%	75 31%	29 11%	132 53%
[- animado]	0 0%	31 9%	41 12%	262 79%	3 0%	21 3%	201 28%	474 67%

A partir dos dados coletados em Feira de Santana, pode-se perceber que o uso do ON é bem representativo nas amostras rural e urbana com os antecedentes de traço [- animado] registrando-se 79% e 67%, respectivamente. Esse resultado aproxima o falar feirense de outros estudos sobre o fenômeno, seja com dados linguísticos de zona urbana: São Paulo (DUARTE, 1989), Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (FAGUNDES, 1997), João Pessoa (DA HORA, BALTOR, 2007), Salvador (LUZ, 2009) ou com *corpus* do português rural de comunidades baianas: Helvécia, Rio de Contas, Cinzento e Sapé (FIGUEIREDO SILVA, 2004), Piabas (ALVES BRITO, 2010).

Também foi observada uma frequência significativa de apagamento do objeto com o traço [+ animado] nos dados feirenses, tendo a variante ON distribuições idênticas (53%). Isso mostra que está havendo uma ampliação em seu contexto de uso em relação à restrição semântica quanto à animacidade do antecedente, ou seja, o ON pode retomar um ODA com traço [\pm animado]. Por conta disso, a literatura na área atesta que o cruzamento entre os traços semânticos de animacidade e a referencialidade do antecedente seja o fator linguístico mais seguro para lidar com as variantes, principalmente quanto ao uso do ON e SN porque estão mais associados a antecedentes com traço [- animado].⁹

⁹ Neste trabalho, consideramos apenas a animacidade do antecedente, não verificando a influência dos seguintes níveis de referencialidade: [+ referencial; + específico], [+ referencial; - específico], [-

São exemplos da estratégia de retomada ON de acordo com os traços semânticos de animacidade em (13) e (14):

(13) [- animado]

a. Primeiro tira *o milho*, descasca \emptyset , limpa \emptyset , corta \emptyset . Aí depois de cortado, passo no moinho. (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona rural, ensino fundamental incompleto)

b. [...] a gente percebe falta de interesse mesmo, de motivação pra fazer *as atividades* e desenvolver \emptyset . (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona urbana, ensino superior completo)

(14) [+ animado]

a. [...] era mais difícil porque não tinha quem me orientasse. Mãe não sabia como me orientar. Hoje em dia, eu oriento *minhas filha*, eu oriento \emptyset . (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona rural, ensino fundamental incompleto)

b. Na verdade, *ele* trabalhava na recepção de uma boate e eu sempre ia pra ver \emptyset . (sic) (Informante da faixa 1, do sexo masculino, zona urbana, ensino superior completo)

A leitura da Tabela 3 confirma que, além de favorecer o apagamento do objeto, o traço [- animado] favorece a realização da variante SN como estratégia de retomada anafórica, como em (15) e (16):

(15) Ah, o suco de *pêssego*. Você descasca *o pêssego*, não corta *o pêssego* [...] coloca no liquidificador, adiciona água na consciência que você queira do suco [...]. (Informante da faixa 2, do sexo masculino, zona urbana, ensino superior completo)

(16) [...] retarda o efeito *da doença* e consegue curar *a doença*. (Informante da faixa 1, do sexo masculino, zona urbana, ensino superior completo)

A escolha do ON e do SN como estratégia de retomada anafórica está relacionada ao traço [- animado], no entanto, as restrições para o efetivo uso das variantes podem depender do antecedente [+/- específico]. De acordo com alguns trabalhos, dentre os quais destacamos Freire (2005), é mais provável apagamento do objeto sendo os antecedentes [- específico].

No *corpus* da pesquisa, também foram encontrados alguns contextos [+ específico; + animado] favorecendo o apagamento do objeto, como nos exemplos em

referencial]. Com um posterior refinamento da análise nesse sentido, pode-se chegar a resultados mais conclusivos.

(14), mesmo quando os entrevistados se referiram a algo mais específico na conversa: *as filhas* e *o companheiro*. Isso corrobora a ideia de que o uso do ON no português brasileiro não se restringe tão somente a contextos [- específico; - animado] ou [- específico; + animado]. Fica, assim, evidente ser essa uma estratégia que deve ser analisada controlando, além do traço semântico, a referencialidade dos antecedentes, inclusive relacionando-os à sua posição de ocorrência, se próximo ou distante do referente.

Comparando as ocorrências do PL nas duas amostras, observou-se que foi bem frequente o uso dos pronomes *ele/ela* para retomar um antecedente com traço [+ animado], com 42% e 31% (conforme os exemplos (09) e (10)), pouco favorecendo a escolha do PL como estratégia que retoma antecedente com traço [- animado], em contextos como este:

(17) O licor eu não faço não, {masi} eu entendo. Pega *o jenipapo*, descasca ***ele***, corta os pedaço, bota no fogo, um pouquinho de água e aí coloca a cachaça [...] (sic) (Informante da faixa 2, do sexo feminino, zona rural, analfabeta)

Ainda realizando a leitura da Tabela 2, houve apenas uma ocorrência de C na amostra da zona rural e chama atenção o fato de ter sido utilizado como estratégia anafórica para retomar um antecedente de traço [+ animado], quando o participante se refere à esposa, como se vê no exemplo abaixo:

(18) Doc: Aí o senhor teve que falar com o pai dela? Como foi?
Inf: Fui pedi-***la***, fui falar com o pai dela. (Informante da faixa 3, do sexo masculino, zona rural, nível fundamental incompleto)

Das dezoito ocorrências de C na amostra da zona urbana, quinze antedecentes tinham o traço [+ animado] e apenas três eram com o traço [- animado], como nos exemplos (19) e (20), realizados por uma mesma falante. Apesar do pouco uso de C no *corpus*, notou-se uma maior frequência dessa variante retomando antecedentes [+ animado], como em trabalhos anteriores (a citar Freire (2005), entre outros).

(19) Ela veio recém-nascida. [...] chochinha, miudinha, mas amamos *a criança*. Muita gente veio, a família toda já foi apresentada. Gente que veio de Salvador pra visitá-***la***, conhecê-***la*** [...]. (Informante da faixa 3, do sexo feminino, zona urbana, ensino médio completo)

(20) Aquela leitura foi tão agradável...deixa eu procurar *aquela livro* pra tornar a lê-***lo***. É assim. (Informante da faixa 3, do sexo feminino, zona urbana, ensino médio completo)

Observou-se também o uso das estratégias de realização do ODA relacionado aos condicionamentos sociais. No que tange à faixa etária, verificou-se que a variante ON é amplamente usada dos jovens aos mais velhos em ambas as amostras, comportamento semelhante é encontrado em Figueiredo Silva (2004) e em Alves Brito (2010), ou se destaca entre os mais jovens, como no *corpus* de Da Hora e Baltor (2007) e de Luz (2009). Confira as frequências na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4. Distribuição das ocorrências segundo a faixa etária do falante feirense

Faixa etária do informante	Zona rural				Zona urbana			
	C	PL	SN	ON	C	PL	SN	ON
Faixa 1	0 0%	34 22%	16 10%	99 66%	0 0%	43 11%	81 22%	240 65%
Faixa 2	0 0%	30 16%	10 4%	166 80%	11 3%	24 6%	76 22%	232 67%
Faixa 3	1 0%	29 23%	23 18%	71 59%	7 2%	29 12%	73 30%	128 56%

Percebeu-se, a partir dos dados analisados, que a segunda variante mais favorecida na zona rural é o PL, mostrando ser mais frequente nas três faixas etárias em comparação com as variantes C e SN. Na zona urbana feirense, o uso do SN foi o segundo mais favorecido pelos falantes, reforçando a ideia de que a variante PL é considerada estigmatizada em dialetos urbanos. No entanto, isso pode não ser regra porque em pesquisa envolvendo as três capitais do sul do país, Fagundes (1997) constatou um uso mais representativo do PL na fala dos mais jovens em Curitiba e Florianópolis, sendo essa mesma variante mais usada em Porto Alegre pelos falantes com mais de 50 anos.

E ainda considerando a Tabela 4, os dados mostram que o C não faz parte do vernáculo feirense, principalmente na fala dos mais jovens. O seu único registro na faixa 3 da zona rural e as ocorrências registradas na zona urbana podem estar relacionadas a fatores como escolaridade, profissão e a outras atividades sociais desempenhadas pelos sujeitos que constituíram o *corpus*, como será visto mais adiante. Os trabalhos consultados também apresentam pouca ou nenhuma ocorrência dessa variante.

Em relação ao sexo do informante, é sabido que as mulheres tendem a usar mais a variante padrão por serem mais conservadoras que os homens. A partir da análise da Tabela 5, podemos perceber como o uso das variantes está distribuído entre os homens e mulheres na comunidade de fala estudada.

Tabela 5. Distribuição das ocorrências segundo o sexo do falante feirense

Sexo	Zona rural	Zona urbana
------	------------	-------------

do informante	C	PL	SN	ON	C	PL	SN	ON
Masculino	1 0%	34 18%	15 10%	132 72%	11 2%	46 10%	109 24%	283 64%
Feminino	0 0%	59 19%	34 11%	204 70%	7 1%	50 10%	121 24%	317 65%

Mesmo com a baixa quantidade de ocorrências de C, esperou-se que as mulheres tendessem a usá-lo mais por ser essa a forma prescrita na gramática do português, mas os homens se destacam nas duas amostras, não havendo, entretanto, uma significativa diferença no valor da frequência entre os sexos.

Dentro de uma comunidade linguística, no caso de estarem em concorrência mais de uma forma de prestígio, as mulheres passariam a utilizar a forma mais inovadora. Desse modo, em se tratando do uso do ODA, as variantes ON e o SN seriam as estratégias menos estigmatizadas, ao contrário do pronome lexical, e seus usos não estariam sendo mal avaliados por falantes do sexo feminino.¹⁰ Os resultados das quatro estratégias demonstram uma frequência bastante equilibrada das estratégias de retomada entre homens e mulheres, tanto para a zona rural quanto para a zona urbana feirense. Fagundes (1997) também encontrou um uso equilibrado entre o ON e as categorias preenchidas nas três capitais do sul, já Figueiredo Silva (2004) encontrou um uso bastante robusto do ON entre as mulheres (86%) enquanto os homens utilizaram mais o PL como estratégia. As pesquisas sociolinguísticas mostram haver uma relação entre mulher versus variante prestigiada porque as mulheres, geralmente, são mais afetadas pelos padrões que regem o comportamento social e a boa postura que lhes cobram também reflete na forma como empregam a língua. Neste caso, elas são mais “sensíveis” ao prestígio social atribuído às formas linguísticas, no entanto, não se deve estabelecer um padrão quanto a isso. Como é sabido, o comportamento linguístico também pode ser analisado não perdendo de vista os papéis sociais desempenhados pelos homens e pelas mulheres em suas comunidades, ou seja, correlacionando com a realidade sociocultural que os envolve.

Na análise da relação entre escolaridade e o uso da retomada anafórica na posição de objeto direto, apresentam-se os resultados na Tabela 6, a seguir:

Tabela 6. Distribuição das ocorrências segundo os anos de escolarização do falante feirense

Anos de escolarização	Zona rural				Zona urbana			
	C	PL	SN	ON	C	PL	SN	ON
0 ano	0 0%	17 20%	6 6%	65 74%	0 0%	3 13%	2 9%	18 78%
1-4 anos	1	66	40	243	0	22	36	107

¹⁰ O valor que pode ter sido atribuído ao SN e ao ON condiz com a noção de prestígio encoberto (*covert prestige*) (LABOV, 2008 [1972]). Os traços linguísticos que são mais aceitos socialmente acabam sendo usados por falantes do dito “português culto”, mesmo que essa forma nem sempre corresponda à norma padrão. Assim sendo, a expressão linguística usada por falantes com um grau mais alto de escolaridade adquire um prestígio encoberto na comunidade de fala.

	0%	20%	11%	69%	0%	13%	23%	64%
5-8 anos	0 0%	10 24%	3 7%	28 68%	2 1%	18 13%	34 25%	81 61%
9-11 anos	--	--	--	--	6 1%	29 9%	85 23%	249 67%
12 anos em diante	--	--	--	--	10 3%	24 9%	73 28%	145 60%

O ON é a variante mais utilizada considerando todos os níveis de escolaridade nas duas amostras analisadas, no entanto, podem-se observar alguns usos mais específicos. Na zona rural, o uso do PL não sofre estigma, como já assinalado anteriormente, sendo a segunda estratégia mais usada por falantes de 0 a 8 anos de escolarização. No clássico estudo de Duarte (1989) com dados da capital paulista, de acordo com a escolaridade dos participantes, foi registrada uma ausência absoluta de C na fala dos mais jovens com ensino fundamental e um aumento gradativo nos outros níveis; ocorrendo o contrário quanto ao uso do PL, pois há uma queda dessa estratégia quando aumentam a escolaridade e faixa etária.

O mesmo comportamento ocorre na amostra urbana feirense, por isso que, em se tratando de falantes com grau de escolaridade maior, compactuamos com a ideia apresentada por Duarte (1989), considerando que eles realizem mais o SN por ser uma estratégia de esquiva do falante: não usa o PL porque é estigmatizado; não usa o clítico porque é considerado rebuscado/pedante. No geral, pode-se inferir que os feirenses tendem a usar ainda mais o ON em concorrência com o SN. Por isso, é bem verdade dizer que “a noção de variante estigmatizada muda conforme o contexto” (DUARTE, 1989, p.32), ratificando a ideia laboviana de prestígio encoberto. Gomes e Gonçalves (2007) registraram em Vitória da Conquista-BA maior uso do PL por falantes com nível fundamental, sendo o ON e o C usados como estratégias de retomada por falantes com nível superior. Já na capital baiana, Luz (2009) relata que verificou, na rodada binária objeto nulo *versus* pronome lexical, o uso diferenciado das estratégias em função do estigma social do PL estando essa variante mais presente na fala de soteropolitanos com nível fundamental, um uso considerado próximo da neutralidade no nível médio e uma frequência bem menor entre os falantes com nível superior, sendo, assim, o PL visto como uma variante estigmatizada socialmente.

Nesta parte da análise, foi descrito o comportamento linguístico do feirense em relação ao ODA, mostrando que o uso das variantes está condicionado a fatores linguísticos, como traço semântico do antecedente, e a fatores sociais, assim como faixa etária, sexo e escolaridade. Na próxima seção, continuará sendo feita uma análise e interpretação dos dados a partir do perfil sociolinguístico dos feirenses, no entanto será dada uma atenção especial àqueles que utilizaram o clítico de terceira pessoa por essa variante sofrer um progressivo processo de desaparecimento do português brasileiro.

2.3 UMA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO POR FALANTE FEIRENSE: O USO DOS CLÍTICOS

Conforme já foi mencionado, as entrevistas utilizadas para este trabalho compõem duas amostras: a da zona rural e a da zona urbana, perfazendo um total de 48 participantes. Na seção anterior, constatou-se que o ON foi a estratégia de retomada anafórica mais frequente nas duas amostras, sendo que foi registrado um maior número de ocorrências do PL na zona rural e entre os falantes com baixa ou nula escolaridade na zona urbana. Houve um uso mais equiparado do SN nas subamostras da zona urbana, destacando-se a baixíssima frequência da variante C.

A partir do controle da variável indivíduo, pôde-se verificar que, dentre o total de participantes componentes do *corpus*, somente sete feirenses utilizaram a variante padrão como estratégia anafórica de objeto direto e despertando-se interesse para melhor conhecê-los, apurando mais sobre as suas vivências diárias, atividades sociais, experiências e expectativas de vida, enfim, quais práticas desenvolvem e se isso reflete em seus usos linguísticos.

Registrou-se apenas uma ocorrência do clítico na zona rural, apresentada no exemplo (18) e repetida em (21). Dentre os falantes, exibidos no Quadro 1, destaca-se o Informante 9 que utilizou essa variante. Ele e o documentador conversavam sobre o tópico família, explicando como conheceu a sua esposa e a pediu em casamento.

(21) Doc: Aí o senhor teve que falar com o pai dela, como foi?
 Inf: Fui pedi-*la*, fui falar com o pai dela. (Informante da faixa 3, do sexo masculino, zona rural, nível fundamental incompleto)

Quadro 1. Distribuição dos dados das estratégias de retomada anafórica por feirenses da zona rural

Indivíduos	Zona rural (baixa ou nula escolaridade)				Total
	Clítico	Pronome lexical	SN anafórico	Objeto nulo	
Informante 1	0	9	4	43	56
Informante 2	0	4	1	3	8
Informante 3	0	10	3	28	41
Informante 4	0	11	8	25	44
Informante 5	0	6	4	33	43
Informante 6	0	11	5	52	68
Informante 7	0	2	0	13	15
Informante 8	0	11	1	68	80
Informante 9	1	2	3	6	11
Informante 10	0	6	1	13	20
Informante 11	0	5	1	9	15
Informante 12	0	16	18	43	77
Total	1	93	49	336	479

Percebeu-se que o clítico foi realizado por um participante do sexo masculino, com 74 anos e que possui baixa escolaridade. A partir de estudos já realizados no PB, sabe-se que essa estratégia de retomada anafórica é bem menos usual em falantes do português popular e que ainda tem vestígios de uso em sujeitos com um maior grau de escolaridade. A sua entrevista foi relida, procurando-se mais informações sobre a sua visão de mundo e práticas cotidianas. Analisou-se esse único dado, buscando relacionar a influência da escolha da variante às experiências de vida do falante.

Desse modo, verificamos que ele é um leitor da Bíblia, assiste à TV e ouve rádio frequentemente, ou seja, tem contato diário com meios pelos quais se divulgam o português padrão. Na entrevista, ele demonstrou ser um sujeito perspicaz e bastante ativo na comunidade rural, desempenhando vários papéis sociais, como lavrador, dono de venda e representante da associação de moradores, sendo jurado nas votações. Além disso, na juventude, trabalhava viajando com caminhoneiros para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e alguns estados do nordeste. Todos esses aspectos levantados mostram o seu engajamento com várias práticas sociais e várias viagens realizadas para fora da comunidade que, de certa forma, justificam a escolha do clítico entre as demais estratégias.

Em relação à amostra da zona urbana, cujos dados estão distribuídos no Quadro 2, foram registradas apenas duas ocorrências, entre os falantes de baixa ou nula escolaridade, usadas pelo Informante 5, nos exemplos abaixo:

(22) Doc: [...] o senhor não teve oportunidade de continuar seus estudos, mas vamos supor que o senhor esteja agora aqui com *seu sobrinho* e o senhor daria que conselho?

Inf: Sobre:: é...incentivá-**lo** ao estudo?

Doc: Sim. (Informante da faixa 2, do sexo masculino, zona urbana, nível fundamental incompleto)

(23) [...] na minha cidade não tem *praia*, então eu só via a praia pela TV, mas quando eu tive oportunidade de vê-**la** pessoalmente...eu fiquei realmente encantado com a imensidão de água. (Informante da faixa 2, do sexo masculino, zona urbana, nível fundamental incompleto)

Quadro 2. Distribuição dos dados das estratégias de retomada anafórica por feirenses da zona urbana

Indivíduos	Zona urbana (baixa ou nula escolaridade)				Total
	Clítico	Pronome lexical	SN anafórico	Objeto nulo	
Informante 1	0	12	14	30	56

Informante 2	0	1	5	18	24
Informante 3	0	0	1	3	4
Informante 4	0	2	4	30	36
Informante 5	2	3	11	5	21
Informante 6	0	4	0	26	30
Informante 7	0	4	14	40	58
Informante 8	0	2	3	7	12
Informante 9	0	8	14	26	48
Informante 10	0	2	1	9	12
Informante 11	0	1	1	9	11
Informante 12	0	4	4	5	13
Subtotal	2	43	72	208	325

Verificando as características do Informante 5, pontuou-se que ele tem 45 anos e estudou até a 5ª série, abandonando a escola porque precisou trabalhar desde muito cedo. Viveu por 10 anos em São Paulo e Minas Gerais trabalhando em fazendas de café. Voltando a Feira de Santana, passou a exercer a profissão de pintor de parede. Em meio a seus relatos, ressalta que assiste muito a telejornais e a outros programas de jornalismo para se manter informando, independentemente de emissoras. Ao afirmar que possui o hábito da leitura, ressalta: (24) “Gosto de ler [...]. Eu agora não leio mais qualquer coisa [...]. Coisas que realmente não tem importância, eu não leio. A maioria dos livros estão assim: destituídos de conteúdo, de informação, entendeu?” (sic) e complementa que tem preferido os livros do filósofo e escritor indiano Jiddu Krishnamurti, sendo enfático: (25) “Ele tem o mesmo pensamento que eu, então nós comungamos.” (sic).

Nesse sentido, na entrevista, é perceptível que, apesar da baixa escolaridade, o seu nível de letramento é alto demonstrando ter um grande conhecimento geral e isso contribuiu para o uso dos clíticos em sua fala. No que tange aos feirenses com ensino médio completo, foi a Informante 23 que mais se destacou usando o clítico, registrando-se seis ocorrências das quais foram extraídos os exemplos (19) e (20) apresentados na seção anterior.

Distribuição dos dados das estratégias de retomada anafórica por feirenses da zona urbana
(continua...)

	(ensino médio completo)				
Informante 13	0	3	4	27	34
Informante 14	0	1	5	32	38
Informante 15	0	7	11	38	56
Informante 16	0	4	5	17	26
Informante 17	0	1	3	9	13
Informante 18	0	0	13	36	49
Informante 19	0	0	7	21	28
Informante 20	0	3	1	20	24
Informante 21	0	2	15	15	32
Informante 22	0	5	6	13	24

Informante 23	6	2	9	5	22
Informante 24	0	1	5	15	21
Subtotal	6	29	84	250	369

Tomou-se conhecimento de que se trata de uma professora aposentada e com 69 anos. Realizou o curso didático-pedagógico de Magistério e lecionou no ensino público básico em Feira de Santana e em uma cidade circunvizinha, sendo que durante o período de sua vida foi dona e diretora de uma pequena escola de bairro. Em sua entrevista sociolinguística, diz que não acessa a internet, mas utiliza muito a televisão preferindo programas de noticiários e boas reportagens, além de assistir a filmes com frequência. É evangélica e mantém o hábito da leitura da Bíblia e de livros sobre meditação, edificação espiritual, poesias e de receitas culinárias. É colecionadora da *Revista Seleções*, sempre lendo e relendo as matérias. Já viajou a passeio em excursões ao Rio de Janeiro, São Paulo, Aracaju e conhece diversas cidades da Bahia, inclusive a capital Salvador. Participa do programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), fazendo oficinas de dança e de teatro. A partir dos seus relatos, pudemos perceber a sua habilidade em relação ao uso do clítico como uma das estratégias de retomada anafórica em seu repertório linguístico. A seguir, foram analisados os falantes feirenses com ensino superior completo.

Distribuição dos dados das estratégias de retomada anafórica por feirenses da zona urbana (conclusão)

	(nível superior completo)				
Informante 25	0	4	9	15	28
Informante 26	0	6	5	17	28
Informante 27	0	3	6	11	20
Informante 28	0	0	12	6	18
Informante 29	5	1	6	13	25
Informante 30	1	0	2	7	10
Informante 31	0	1	2	5	8
Informante 32	3	5	14	43	65
Informante 33	0	1	1	5	7
Informante 34	0	0	6	9	15
Informante 35	1	0	5	13	18
Informante 36	0	3	5	5	13
Subtotal	10	24	73	149	256
Total	18	96	229	607	950

Dentre os doze participante que têm mais de doze anos de escolarização, com ou sem cursos de pós-graduação, apenas quatro utilizaram a variante considerada padrão como estratégia de retomada anafórica. O Informante 29 tem 56 anos, é formando em Química por uma universidade federal baiana e atua como professor em uma renomada rede escolar e de cursinho pré-vestibular na cidade. Em sua entrevista, relata que gosta de assistir somente a jornais, futebol e filmes, sendo que também gosta muito de ouvir rádio escutando diariamente programas de notícias e

entrevistas para ficar bem informado. Pôde-se perceber que é uma pessoa bastante comunicativa pela diversidade de tópicos durante a interação na entrevista, ao contar suas experiências de vida, lembranças da infância, fatos ocorridos no trabalho ou em viagens, e sobre questões sociopolíticas feirenses e do Brasil. A Informante 30 tem 48 anos, é formada em Letras, por uma instituição estadual, e atua como professora universitária. Assiste à televisão com bastante frequência mesclando entre canais abertos ou por assinatura, sendo que programas humorísticos, novelas, filmes, programas de entrevistas e os de culinária são os seus preferidos. Já morou em João Pessoa, no Rio de Janeiro e, inclusive, na Europa para realizar o estágio de pós-doutorado. Lê muitas obras da literatura brasileira e é tanto revisora quanto membro de conselho editorial de revista. Apesar de ter sido registrado apenas um dado em sua entrevista (o exemplo (11)), percebeu-se o seu envolvimento diário com práticas sociais mais letradas.

A partir de sua entrevista, da qual extraímos o exemplo (05), verificou-se que o Informante 32 tem 53 anos e é bacharel em Engenharia Civil, atuando na área de projetos e como professor universitário numa instituição estadual. Os meios de comunicação que mais utiliza são jornal impresso e televisão, sendo que tem preferência ao programa *National Geographic*, programas de entrevista e jogos. Trabalhou muitos anos na URBIS¹¹ e por isso enfatiza que conhece “de norte-sul, leste-oeste da Bahia”, além de várias localidades do nordeste e de outras regiões brasileiras. Para o exterior, já foi aos Estados Unidos visitar a filha duas vezes em Orlando e também para conhecer Miami. Foi percebido ser uma pessoa bastante culta, demonstrando conhecimento em diversas áreas. Desde a época da graduação, quando estudou na capital baiana, gosta de ir ao cinema, frequentar teatros e apreciar música de qualidade e boa gastronomia. O Informante 35, que compõe a faixa etária 3, também utilizou o clítico de terceira pessoa (exemplo (01)). Ele é arquiteto, artista plástico e professor universitário. Gosta de ler e desenhar desde jovem. Realizou o curso de Arquitetura numa tradicional universidade federal baiana para conciliar arte com técnicas da engenharia. Tem uma vida social bastante intensa, ministrando disciplinas, participando de variados projetos e de grupos com artistas feirenses e de outras localidades. Já publicou livros e realizou diversas exposições, inclusive em eventos culturais internacionais.

Em vista do exposto, verificou-se o comportamento de determinados falantes feirenses em relação ao uso do clítico de terceira pessoa na tentativa de complementar na análise a ideia laboviana de comunidade de fala, atentando que diversos fatores socioculturais podem condicionar as habilidades linguísticas de um falante, além da sua escolaridade, faixa etária ou grupo social. Os sujeitos, que já possuem as suas particularidades, podem estar engajados em determinadas atividades e isso acabar refletindo em seu repertório linguístico como também no desenvolvimento de atividades comunicativas. Ao destacar os participantes nesta subseção, notou-se que o pouco uso do clítico estava relacionado àqueles que possuíam nível superior ou tinham menos anos de escolarização, mas que estavam inseridos em determinadas práticas sociais que motivaram uma atitude linguística distinta daquilo que se esperava.

¹¹ Programa de Habitação e Urbanização da Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se, com este trabalho, ser o apagamento do objeto a variante mais produtiva como estratégia de retomada anafórica na comunidade de fala estudada, seguindo a mesma tendência de outras variedades rurais e urbanas do português do Brasil (DUARTE, 1989; FAGUNDES, 1997; FIGUEIREDO SILVA, 2004; FREIRE, 2005; DA HOTA; BALTOR, 2007; LUZ, 2009; ALVES BRITO, 2010). Na quantificação geral dos dados, verificou-se que o clítico é pouco usado por feirenses (1%), comparando-se ao objeto nulo (66%) seguido do SN anafórico (20%) e do pronome lexical (13%).

Assim, constata-se, diante da análise feita na Tabela 3, que o ON é usado nas duas amostras, retomando principalmente antecedente [- animado], bem como a variante SN, porém seu uso já está também se difundindo a contextos com traço [+ animado]. A escolha do preenchimento da posição de objeto com PL e C está mais relacionada a antecedente [+ animado]. A variável faixa etária, como visto na Tabela 4, apontou que o C não é uma variante usual entre os mais jovens, independentemente da localidade e do grau de escolarização. Considerando as três faixas etárias controladas, o ON e o SN são as estratégias mais frequentes entre os feirenses nos dados da zona urbana, assim como e os da zona rural utilizaram mais as estratégias ON e PL.

Em relação ao sexo do informante, numa leitura vertical da Tabela 5, os dados revelam uma frequência bastante equilibrada das quatro estratégias de retomada anafórica entre homens e mulheres, tanto para a zona rural quanto para a zona urbana feirense. Os estudos sociolinguísticos geralmente podem manifestar uma postura mais inovadora ou conservadora por parte das mulheres a depender do estigma social das variantes em determinada comunidade de fala. A leitura horizontal dos dados na referida tabela permite perceber que o ON é a estratégia mais usada nas amostras por ambos os sexos. Os resultados na Tabela 6 mostraram que o processo de escolarização influenciou em relação ao uso das estratégias principalmente pelos feirenses da zona urbana. O uso do ON foi robusto nos falantes analfabetos àqueles falantes que possuem mais de 12 anos de escolaridade. Na medida em que aumentou o grau escolar, houve um sutil crescimento no uso do C e a frequência de uso do PL diminuiu. O uso do SN também se eleva e se destaca, mantendo-se como a segunda estratégia mais usada. É possível avaliar o estigma social com esse comportamento das variantes na amostra urbana em relação aos anos de escolarização. O que não foi tão percebido na quantificação da zona rural.

Em rotas conclusivas, pode-se destacar que o estudo aqui apresentado teve por objetivo realizar uma análise variacionista das estratégias de representação anafórica na posição de objeto no português falado em Feira de Santana-BA. Podendo-se perceber que além de fatores linguísticos que motivam o uso variável de um fenômeno, os fatores socioculturais, bem como os papéis exercidos por homens e mulheres na comunidade e suas práticas sociais, refletem no comportamento individual quanto ao uso da língua. O tratamento dado ao tema aqui não foi esgotado e ainda será necessária a realização de outras investigações, buscando contribuir para os estudos sociolinguísticos sobre a realidade linguística feirense, sobretudo quanto à caracterização do português brasileiro.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 13^a ed. São Paulo: Saraiva, 1961.

ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide Novais; TEIXEIRA, Eliana Pitombo; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **Variação linguística em Feira de Santana-BA**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

ALVES BRITO, Juvanete Ferreira. **O objeto direto (ana)fórico no falar rural baiano: um estudo sociolinguístico**. 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco. **Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial**. 1990. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA. vol. 3, 2012. Feira de Santana: CDL, 2012.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para a uma análise sociolinguística do português do Brasil. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemo na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 39-52.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolinguística. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemo na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 91-102.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. 6^a ed. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A., 1970.

DA HORA, Dermeval; BALTOR, Cristiane da Silva. Estudo variacionista do objeto direto anafórico no falar pessoense. In: CASTILHO, Ataliba et al. **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Fapesp/Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 49-59.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando. (orgs.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas, SP: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 19-34.

FAGUNDES, Edson Domingos. **Ocorrências de objeto direto e indireto nas três capitais do Sul do Brasil:** clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento. 1997. 91f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina Vieira de. **Objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro.** 2004. 148f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FREIRE, Gilson Costa. **A realização do dativo e do acusativo anafóricos em PB e PE.** 2005. 204f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana:** influências da industrialização (1970-1996). 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GALVÃO, Renato Galvão de Andrade (Mons^o.) Povoadores da região de Feira de Santana. **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, 1 (1): 25-31, jul./dez. 1982

GOMES, Isabel dos Santos Magalhães; GONÇALVES, Elisângela. O emprego do pronome lexical como objeto direto. In: PACHECO, Vera.; SAMPAIO, Nirvana Ferraz S. (orgs.). **Pesquisa em estudo da linguagem VI.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 227-240.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informação e documentação de Feira de Santana.** Feira de Santana: IBGE, 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. de Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA, Zélia Jesus de. A memória do município. **Sitientibus:** Revista da UEFS. Feira de Santana, n.12, p. 201-209, 1994.

LUZ, Cláudia Norete Novais. **Velejando sobre as águas da retomada anafórica do objeto direto:** um cruzeiro na fala em Salvador. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudo da Linguagem). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

MORAIS, Ana Angélica Vergne de. **Conhecendo Feira:** olhares sobre a cidade. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2004.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **De empório a princesa do sertão:** utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). 2000. 128f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **“Canções da cidade amhanhecete”**: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana (1920-1960). 2011. 216f. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã Bahia, 1968.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref> Acesso em 25. out. 2011.

SANTANA, Jan Carlos Dias de. **As estratégias de realização dos objetos direto e indireto anafóricos em uma comunidade quilombola do interior da Bahia**. 2010. 62f. Monografia (Especialização em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2010.

SANTANA, Jan Carlos Dias de. **“Todos os caminhos levam a Feira de Santana”**: uma viagem sociolinguística para o estudo dos pronomes-objeto no português urbano falado. 2014. 222f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2014.

SANTANA, Jan Carlos Dias de; TEIXEIRA, Eliana Pitombo. Objeto direto no português falado em Feira de Santana-BA: a expressão da terceira pessoa. In: ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide Novais; TEIXEIRA, Eliana Pitombo; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. **Variação linguística em Feira de Santana-BA**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

SENTO SÉ, Frederico Nascimento. **Memórias da Matinha**. 2009. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2009.

SOUZA, Kennedy Jamestony de Carvalho; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. **Estratégias de pronominalização do objeto direto de terceira pessoa no sertão pernambucano**. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0877-1.pdf>>. Acesso: 20 nov. 2019.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Para citar este artigo

SANTANA, J. C. Representações anafóricas na posição de objeto direto na língua falada em Feira de Santana-BA. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 320-343.

O Autor

JAN CARLOS SANTANA é doutorando, mestre e especialista em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS). Graduado em Letras (UEFS).